

# DO DIÁLOGO À AÇÃO: POR UMA METODOLOGIA SEMPRE ATENTA

## Abstract

*This research is meant to offer suggestions to Portuguese Language teachers regarding improvements that could be added to their daily practice.*

**Palavras-chave:** ensino; prática; interação.

A presente análise foi efetuada a partir de um estudo realizado em 1996, na Região Norte do Paraná, com 556 professores de Língua Portuguesa a propósito dos planos da Secretaria de Educação para um ensino de inspiração interacionista. São aqui discutidos os aspectos que dificultam a transposição que os professores devem fazer de sua prática tradicional, para as teorias recentes. Oferece sugestões quanto ao método a ser aplicado e apresenta melhores definições para dirimir dúvidas.

Se o professor se apropriou do discurso interacionista, isto poderia, em princípio, ser festejado, não fosse o que realmente acontece quando esse professor se acha face a face com o aluno e o texto. O que se pode crer é que, ao menor sintoma de insegurança metodológica, o docente abandona qualquer refinamento de conteúdo em favor da gramática normativa, dentro da qual reside sua segurança, suas certezas e suas possibilidades de definir o certo e o errado. Trata-se, nada menos, do que explicar como se daria a transposição entre teoria e prática. O ensino passa a ser estruturado, a partir de agora, dentro da pragmática, que trata do uso da linguagem e o relacionamento com o usuário, ao mesmo tempo que descreve atos de fala e enunciações comunicativas.

Há infinitas formas de pôr em prática os conceitos interacionistas. No domínio da língua oral é importante garantir que:

- O aluno consiga ouvir a voz do outro e ajustar seu próprio discurso que, conforme Bakhtin (1986: 113) se consolida na menção de que “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.”

- Esse domínio de oralidade deve-se reproduzir em outro padrão, desta vez o culto. Isso significa sensibilizar o aluno para diferentes variedades, sem apelo ao antigo certo/errado.

No domínio da leitura, uma aula deveria conter espaço para que:

- O aluno trave diálogo com o texto, nele reconhecendo uma maneira de ver o mundo. Novamente Bakhtin (1986) comparece para tornar mais precisos os termos:

O domínio da língua escrita era caracterizado, na visão tradicional, como “escrever para o professor ler e dar nota...” Na aplicação interacionista o aluno passa a escrever porque “tem algo a dizer para alguém.” Assim, o aluno se transfere para a posição de:

- Traçar o perfil de seu leitor para saber a quem está escrevendo.

- Colocar-se no lugar do leitor quando escrever.

- Compreender as diferenças entre a língua oral e a língua escrita.

É indispensável que o professor perceba o processo pelo qual está construído o texto com que irá trabalhar. O aluno, por seu lado, também penetrará nesse universo de produção do texto, aprendendo a decompor e recompor textos propostos para análise.

Portanto, a pergunta fundamental é, como transformar algo abstrato e geral como as expressões típicas da visão interacionista em algo concreto e observável como um exercício e tarefa de casa de uma aula habitual? Eis um movimento no sentido de eliminar imprecisões. Pode-se começar a falar de competências e da necessidade de fugir do senso comum. A partir do momento em que o professor reflete e é capaz de avaliar a que está conduzindo seu trabalho, cria condições para levar a efeito esse mencionado movimento.

Paulo Freire (1993:102) é quem melhor ilustra esse processo, ao afirmar:

Não haveria prática, mas puro mexer no mundo se quem, mexendo no mundo, não se tivesse tornado capaz de ir sabendo o que fazia ao mexer no mundo e para que mexia. Foi a consciência do me-

xer que promoveu o mexer à categoria de prática e fez com que a prática gerasse necessariamente o saber dela.

Um professor que optou exclusivamente pela aula expositiva e dela tenta tirar resultados, está trabalhando sob uma ótica equivocada, e com essa atitude acaba traindo sua visão de mundo que não reconhece que os tempos atuais prenunciam a visão interacionista em todos os campos de atividade humana.

Nesse momento é importante destacar alguns pontos responsáveis pela prática não satisfatória do professor. São os elementos difusos já mencionados que muitas vezes não são revelados. Os professores sentem que algo não vai bem, mas por não saírem de sua cotidianidade (Freire), não têm uma visão do todo, do conjunto, para poderem avaliar a dimensão de cada elemento de seu trabalho e permanecem sempre sem saída.

Os elementos difusos não podem ser esquecidos, uma vez que se o ensino não consegue sucesso pelas vias metodológicas conhecidas, mesmo a linha interacionista, mais recente, é importante considerar um conjunto de fatores não evidentes à primeira vista.

Para uma melhor caracterização desses elementos, buscou-se uma forma de nomeá-los para, através de definições, tentativas, compreender sua natureza e influência:

**Corretivo implacável:** o professor está sempre em cima de algo a ser corrigido. Trata-se de algo que acompanha sem necessariamente anunciar-se. Dificulta ou impede que o aluno sinta-se à vontade. Há a necessidade de uma luta interior para que esse lado supere o desconforto de efetuar uma atividade sobre cujo resultado não se pode prever a reação e a avaliação por parte do receptor, neste caso o professor. Incapaz de influir neste tipo de condição, este último acaba por atribuir a tendência do fracasso, ao aluno.

**Síndrome do desconto:** “- Quanto minha professora vai descontar por este acento que não coloquei, por essa pontuação que fiz inadequadamente...- Entrego meu trabalho sabendo de antemão que voltará todo repleto de marcas significando rebaixamento de meu conceito.” Essa idéia de produção de textos, associada a *ajuste de contas* ao controle gramatical, impede que a escrita ocorra naturalmente.

**Senso de algo inatingível:** sensação de que nunca se chegará a dominar o Português correto. Esse pensamento caminha lado a lado como uma espécie de sombra, na crença de que aprender Português é difícil ou quase impossível. Culpa-se o eventual número de exceções, a estruturação das frases, e outros empecilhos.

Ao descobrir a pouca utilização de aulas gramaticais na metodologia interacionista, o professor costuma reagir negativamente. Alguns pontos merecem reflexão. Ao longo dos anos em que vem dando aulas, o professor teve oportunidade de aprender tudo o que não aprendera durante seu curso de graduação. O mesmo aconteceu com seu contemporâneo de ginásio que se tornou engenheiro, médico ou professor de outra disciplina, que se tornaram especialistas em

suas matérias e esqueceram o português gramatical que aprenderam. O professor de português a que estamos nos referindo julga que só sabe o bom português que sabe porque pertenceu a uma época em que *de fato se ensinava Português...hoje não mais...* As aulas eram ricas em análise. Julga que o aluno dos dias de hoje está impossibilitado de semelhante conquista.

Se, no entanto, esse mesmo professor de português se colocar na posição de seu colega de matemática que eventualmente faz a mesma crítica: *naquela época sim é que havia Matemática...* vai descobrir, se olhar para o interior de si próprio que passaria vergonha diante de um aluno de primeiro grau moderno, pois já se esqueceu de toda a Matemática que aprendeu, não por desleixo mas porque seus estudos subsequentes não exigiam matemática.

**Um novo conceito de usuário competente** pressupõe a fase preliminar da aquisição de linguagem que não está sendo vista. De tanto desejar esse usuário competente, esquecemo-nos de deixá-lo à vontade para conseguir pela via de seu próprio ritmo. Qualquer produção tem um bastidor, que não é nada ordenado, mas que é básico para sua realização. Fala-se portanto na valorização do processo ao invés do produto.

O ateliê de uma costureira, por exemplo, é repleto de retalhos caídos ao chão, papéis que são cortados como moldes, restos de lantejoulas utilizadas em bordados, tudo num completo caos, uma completa bagunça. Mas no momento marcado, eis a roupa, de caimento perfeito, bem passada e elegante, sendo entregue à cliente. O mesmo se pode dizer da oficina de um mecânico: chaves espalhadas por todos os lados, parafusos, graxa...Mas se esse mecânico é experiente, elimina o problema de um automóvel. Por que então não admitir que o aluno também tenha seu momento de *desordenamento*, de caos inicial, que mais tarde será transformado num texto organizado, num trabalho delineado?

Estes são alguns dos elementos difusos dos muitos que não se percebem, mas que *minam* o trabalho do professor e interferem nos resultados finais. Mesmo com o mais adequado instrumento de ensino, o professor não se livra do risco de seus alunos não atingirem bom desempenho. Há necessidade de *ir mais fundo*, refletir e procurar entender esses elementos não visíveis, para então buscar caminhos que os levem em conta.

A partir das dificuldades e obstáculos que se podem levantar, deve-se tentar uma proposição que abranja o professor, o aluno (principal cliente) e Secretaria Estadual de Educação. A forma de fazê-lo deve pressupor a correlação com a abordagem contida no documento daquela Secretaria, e uma proposta contendo evidências metodológicas, justificando que a tentativa é viável.

Falta um controle do professor em relação ao seu superior imediato e mesmo com sua instituição nas instâncias mais elevadas. O professor acaba por ficar sem contato com alguém que o acompanhe de perto e a quem deveria prestar contas. Desfruta de uma “liberdade” sem qualquer maneira de sentir-se cobrado.

O professor se caracteriza como a “autoridade suprema” dentro da sala de aula, o que, se por um lado é bom, por outro, não permite aferir até que ponto seu trabalho é confiável.

A preferência pela aula expositiva é um real obstáculo à execução de uma aula inspirada na metodologia interacionista. O professor trai essa preferência, embora valorize os procedimentos típicos de estimular o trabalho com o texto. Claramente se coloca a questão de distinguir entre discurso e prática. Falar bem de algo não significa necessariamente realizá-lo bem.

Se a aula expositiva dificulta a realização de uma aula interacionista, é necessário preparar-se e tentar atingir o mesmo nível de capacidade para ministrar uma aula de gramática, e fazê-lo convergir para a abordagem do texto. Trata-se de uma tarefa exclusiva do professor, único executante de quem se pode falar neste caso.

O professor não compreende a essência da concepção de linguagem contida na proposta interacionista. Esta talvez possa ser apontada como uma forte razão pela qual, apesar de já ter sido editado há cinco anos, o documento propondo alteração no ensino de Língua Portuguesa ainda não conheceu sua plena execução.

Os cursos de reciclagem não surtem o efeito desejado, principalmente do ponto de vista humano, de reais modificações internas. Só um indivíduo que se modifica, que revisa seus princípios é que pode conduzir outros indivíduos que se espera também se modifiquem, para se preparar para novos paradigmas.

Na realidade, o estudo foi estruturado de modo a refletir o conjunto dos procedimentos didáticos típicos da visão interacionista, e verificar a que distância os professores delas se encontram. A pergunta que apresentava o problema era: “Que elementos podem ser levantados para uma alteração nas práticas docentes visando à melhoria do ensino de Língua Portuguesa, no Paraná, e com isso obter maior aproveitamento dos recursos que estão sendo mobilizados nessa direção?”

Duas possibilidades se apresentam quando se pensa no processo interno ocorrido com cada resposta fornecida: refletir o que efetivamente o professor faz, ou caracterizar o que esse professor idealiza e acredita (no sentido de ter ilusão) que faz. Elementos contraditórios detectados e já comentados lançaram motivos para suspeita de que o nível do discurso ainda é muito mais forte do que o da predisposição para a efetiva prática. Assim, mais diretamente, se está falando de professores no primeiro caso, já se poderia declarar que a visão interacionista está em pleno uso.

Se, no entanto, ainda for necessária uma sensibilização, fala-se dos que se enquadram no segundo grupo.

Imaginemos que em seu dialogismo interno de que falam correntes da psicologia, das Ciências da Linguagem ou autores, especialmente Bakhtin um professor se dissesse o seguinte:

- Quem não tem objetivos não pode saber para onde está-se dirigindo. Devo, antes de qualquer coisa, fixar essas metas.

- Meu aluno deve ser transformado num ser que não somente receba o texto, mas que componha o texto e sinta conforto na posição de expositor.

- Devo buscar transformar o espaço da sala de aula num local de debate permanente e defesa de pontos de vista. Assim estarei dando conta dos aspectos de oralidade.

- De tão habituado que estou a dar aulas totalmente gramaticais, e pelo fato de que também fui educado dentro dessa metodologia, seguramente vou estranhar o conteúdo de métodos e materiais didáticos construídos de forma a não adotar essa ênfase.

- A funcionalidade dos elementos gramaticais não permite um ensino fragmentado, sob pena de fortalecer somente conhecimentos de estrutura de frase, sem o correspondente desempenho como expositor. Daí a necessidade da análise lingüística, em que poderei mostrar ao aluno a organização do texto e seus recursos como um todo semântico.

- Tenho que ter clara a função da escrita, para não vir a passar uma falsa imagem dela para o aluno. Tenho que promover a quebra do artificial de corrigir e entregar o texto.

- Devo passar para o aluno a noção de que ele escreve para alguém e que isso influencia o que ele vai escrever.

- Cabe a mim criar situações de contato do aluno com a norma padrão, para que este se aproxime dela.

- O mais importante, a respeito da leitura, é a minha consciência de que não há uma forma acabada de processá-la. Não pode apenas haver a decodificação; é importante o diálogo íntimo com o que se lê.

- Jamais perderei de vista que o aluno deve ser avaliado pelo processo e não pelo produto. Ou seja, o grau maior ou menor que separa esse aluno do ideal de transformar-se num expositor (oral e escrito).

- Se atuo em um novo conceito de gramática, conseqüentemente isso deve estar refletido na avaliação. Vou priorizar o texto e, desse modo, não se justifica mais a avaliação fragmentada dos conteúdos puramente gramaticais.

- Por que passei a privilegiar o texto? -Por seu poder de colocar a língua e a linguagem em movimento, e pela crença de que estou envolvido como agente de um aprendizado focalizando o aluno nesse movimento.

É preciso ter certeza de que o professor está-se “abrindo” para estudar e perseguir um nível de conscientização que reconheça que é através da linguagem que o indivíduo se constitui como sujeito. Se o professor for capaz de atingir essa percepção, será desnecessário continuar a dizer-lhe que é importante dar voz ao aluno; as coisas passarão a ser automáticas. Um aluno com voz passa a trazer para a sala de aula sua educação, as pessoas com quem conviveu, os livros que leu, e é nessa interação que constrói adiante suas idéias.

O currículo básico está estruturado de modo a sugerir que o trabalho em sala de aula se processe

com a utilização de diversos tipos de texto de modo a exemplificar as diversas formas de linguagem. Um professor consciente da metodologia interacionista concordará imediatamente que é impossível trabalhar com semelhante perspectiva sem promover a participação do aluno em aula. A aula é o espaço para efetuar o diálogo entre autor, leitor e texto, perceber seus subentendidos, estruturar o pensamento.

O aluno que sai da escola com a consciência de que construir-se na linguagem é atingir um dos lados essenciais de sua condição como ser que pensa, sente e age, está apto a atingir qualquer outro fator de sua cidadania.

A proposta de influenciar os cursos de capacitação através do contato com a metodologia interacionista tem a finalidade de eliminar o sentido puro e simples de fornecer a receita, dar notícia de teorias recentes e ponto final. O professor, nesse último caso, acaba retornando à sala de aula e nas primeiras semanas até ensaia algo novo que não sai, porém, da pura intenção. Pouco tempo mais adiante, tudo volta ao normal. O que se busca é interferir na organização desses cursos, fornecendo, sim, idéias que funcionariam como paradigmas. Predisposição e atitude reflexiva deveriam ser o produto esperado.

Hoje o aluno deseja um outro tipo de aula. Há um grande anseio no sentido de tornar a escola um local inovador. Com as metas do país com sua nova legislação educacional, um novo perfil de professor deve ser buscado. É matéria que sustentará durante

algum tempo esta linha de pesquisa. Uma frase de Paulo Leminski fecharia sabiamente esta exposição: “Quem nunca reflete, só repete”.

## Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEL, 1986.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *O professor como pesquisador. Comunicação apresentada no II Seminário Multidisciplinar de Alfabetização*. PUC-SP, 4 a 6 de novembro de 1992.
- FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. São Paulo: Olho D'Água, 1993.
- GENOUVRIER, Emile & PEYTARD, Jean. *Linguagem e ensino do Português*. Coimbra: Almedina, 1985.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes. 1991.
- MOCHCOVITCH, Luna Galano. *Gramsci e a escola*. São Paulo: Ática, 1988.
- SÃO PAULO. Coordenadoria Estadual de Normas Pedagógicas. *Proposta Curricular para o ensino de Língua Portuguesa - 1º Grau*. CENP, 1986.
- TIPOLO, E. et al. Língua Portuguesa, In: *Currículo Básico do Paraná*. Curitiba : SEED 1990.
- VYGOTSKI, L, S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.